

## PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO SOBRE AS PRAÇAS EM CACHOEIRA DO SUL (RS)

**Quétilan Rodrigues Domingues<sup>1</sup>**  
ketilanrdomingues@gmail.com

**Bárbara Giacom<sup>2</sup>**  
barbara.giaccom@ufsm.br

**Raquel Weiss<sup>3</sup>**  
raquel.weiss@ufsm.br

### Resumo

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa realizada por meio de questionário auto-aplicado na população de Cachoeira do Sul, com o objetivo de compreender a percepção acerca das praças cachoeirenses, identificando suas principais potencialidades e deficiências. No município há trinta espaços públicos caracterizados como praças, sendo que quatro localizam-se no núcleo central da cidade e 26 nos demais bairros da área urbana. Discorre-se sobre a natureza e importância das praças para a cidade e para a comunidade. São analisados aspectos relativos à satisfação da população quanto à infraestrutura das praças, paisagismo, equipamentos de lazer e parquinhos infantis, manutenção e localização. Os resultados mostram que, apesar da importância das praças centrais, a praça “da Soares” (Praça Senhorinha do Pilar) é a mais procurada como opção de lazer, embora seja uma praça de bairro, recebendo usuários provenientes de todas as regiões da cidade; em seguida, as praças Honorato de Souza Santos e José Bonifácio são as seguintes no ranqueamento de praças mais utilizadas, segundo a pesquisa; ambas se localizam no centro da cidade. Os resultados ora apurados são potenciais para contribuir no planejamento e gestão dos espaços públicos de lazer, com vistas a devolvê-los à comunidade, reintegrando-os em sua vida cotidiana.

**Palavras-chave:** Praça; Espaços livres; Questionário; Percepção; Cachoeira do Sul.

### Abstract

This work presents the results of a research carried out through a self-administered questionnaire on the population of Cachoeira do Sul (Rio Grande do Sul, Brazil). The questionnaire was designed with

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista - UFSM  
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-5876-9053](https://orcid.org/0000-0002-5876-9053)

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista - UPM, Mestre em Sensoriamento Remoto - INPE, Doutora em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR/UFRGS, Professor Adjunto - UFSM Campus Cachoeira do Sul  
[HTTP://ORCID.ORG/0000-0003-0411-3339](http://orcid.org/0000-0003-0411-3339)

<sup>3</sup> Arquiteta e Urbanista - UFSM, Mestre em Geomática - UFSM, Doutora em Arquitetura e Urbanismo - UFSC, Professor Adjunto - UFSM Campus Cachoeira do Sul.

the objective of understanding the users' perception of public squares, identifying their main strengths and deficiencies. The city has thirty public spaces characterized as squares, four of which are located in the central area and 26 are in the other surrounding neighborhoods. The nature and importance of squares for the city and for the community are discussed. Aspects related to the population's satisfaction with the squares' infrastructure, landscaping, leisure equipment and children's playground, maintenance and location are analyzed. The results show that, despite the importance of the central squares, the "Soares' " square (Senhorinha do Pilar square) is the most sought after as a leisure option, even though it is a neighborhood square, receiving users from all regions of the city. Honorato de Souza Santos and José Bonifácio squares, both located in the city center, rank next as the most used places, according to the survey. The results obtained here have potential to contribute to the planning and management of public leisure spaces, aiming to return them to the community and reintegrate them into people's daily lives.

**Keywords:** Square; Open spaces; Questionnaire; Perception; Cachoeira do Sul.

## Introdução

Observa-se mundialmente diversos exemplos em que o crescimento das cidades tem afetado negativamente os espaços verdes dentro dos centros urbanos (e.g., FARR, 2013). Muitas vezes, a especulação imobiliária, combinada ao aumento da população vivendo em áreas urbanas, tem guiado a sociedade em transformar, cada vez mais, as cidades em verdadeiras "selvas de pedra", onde a filosofia predominante é de que é mais rentável o maior número de habitações por metro quadrado, porém, não se percebe a preocupação quanto à qualidade de vida destes indivíduos que ali habitam (e.g., LIMA; AMORIM, 2006; FAJERSZTAJN; VERAS; SALDIVA, 2016; SILVA; SILVA; NOME, 2016). Em tais cenários, é notório que os espaços públicos, sobretudo as áreas verdes das cidades, têm perdido espaço nesta equação (e.g., SOUSA; BRAGA, 2020). Entretanto, diversos estudos demonstram que a presença de vegetação dentro do meio urbano oferece benefícios em diversos aspectos para a melhoria da qualidade de vida de seus usuários (e.g., LIMA; AMORIM, 2006; FARR, 2013; LONDE; MENDES, 2014).

Farr (2013) discute sobre a presença de espaços livres, sendo eles vegetados ou não, como agentes contribuintes para melhorar a qualidade de vida de uma cidade. Para o autor, a falta de espaços livres de qualidade afeta a sociedade e, de certa forma, contribui na ocorrência de problemas ligados à saúde física e mental das pessoas, como a obesidade, relacionada ao sedentarismo; no consumo de recursos naturais não renováveis, como a alta demanda por energia elétrica para utilização de ar-condicionado cada vez mais intensa, consumindo energia e fazendo com que seus usuários prefiram permanecer cada vez mais tempo em ambientes fechados do que em ambientes abertos, dentre vários outros exemplos.

As áreas verdes urbanas podem reforçar a ideia de conservação e preservação da biodiversidade, fazendo surgir a temática da sustentabilidade urbana, capaz de influenciar a qualidade ambiental e, conseqüentemente, a qualidade de vida das pessoas (DORIGO; LAMANO-FERREIRA, 2015). Para isto, o planejamento e a gestão ambiental dessas áreas urbanas devem incluir a figura do usuário nesses espaços como fator primordial para a difusão de uma sensibilidade ambiental (PINA; SANTOS, 2012).

Base para a interação entre sociedade e ecossistema, as experiências vivenciadas por cada indivíduo correspondem à maneira como os atores sociais interpretam dados e propõem ações afeta o meio ambiente (MARTEN, 2001). Por isso, conhecer a percepção do usuário sobre o ambiente é fundamental para a melhoria da qualidade do ambiente urbano.

Considerando os benefícios que os espaços livres trazem para as pessoas e a qualidade de vida que podem proporcionar à sociedade, o objetivo deste trabalho é identificar as principais potencialidades e deficiências das praças de Cachoeira do Sul, município localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul. Constituindo-se também como exemplos de áreas verdes públicas da cidade, alguns desses espaços já são consolidados, como as praças localizadas na área central e praças de menor porte em alguns bairros. Entretanto, estes espaços encontram-se, por muitas vezes, ociosos e pouco convidativos para uso da população. Por meio da aplicação de um questionário, torna-se possível captar a percepção sobre as praças a partir da visão dos usuários.

### **Fundamentação Teórica**

A existência de espaços livres dentro das cidades tem importância singular para a vida urbana e de uma comunidade. São nos espaços livres que as pessoas têm suas ligações com o mundo externo, quando se dirigem para o trabalho ou levam os filhos à escola, onde se conectam a outras pessoas etc.

Autores como Lima et al. (1994), Panerai (2006) e Macedo et al. (2018) identificam os espaços livres como todos e quaisquer espaços livres de edificação dentro das cidades. Mesmo que, de modo geral, o conceito em relação aos espaços seja semelhante, alguns autores definem estes espaços de maneira diferente. Para Panerai (2006, p.79), a abrangência dos espaços públicos vai além das praças e dos parques: “o espaço público compreende a totalidade das vias: ruas e vielas, bulevares e avenidas, largos e praças, passeios e esplanadas, cais e pontes, mas também rios e canais, margens e praias”.

Lima et al. (1994) abordam classificações dos espaços livres salientando que nem todo o espaço livre necessariamente precisa estar ligado a maciços vegetais para assim ser considerado. Para esses autores, espaço livre “é o conceito mais abrangente, que integra os demais, contrapondo-se dos espaços construídos em áreas urbanas” (LIMA ET AL., 1994, p.545). Por sua vez, “praça: enquadra-

se como um espaço livre público cuja principal função é o lazer. Quando não existe a vegetação e a mesma se encontra impermeabilizada não é considerada uma área verde” (LIMA ET AL., 1994, p.545).

Segundo Macedo et al. (2018, p.14) “o Sistema de Espaços Livres (SEL) não se define somente a partir dos seus elementos constituintes, mas também das relações entre todos os espaços livres de edificações urbanas, independentemente de sua dimensão, qualificação estética e funcional e de sua localização sejam eles públicos ou privados”. Segundo os autores, o conceito de abrangência de um Sistema de Espaços Livres são “as relações entre todos os espaços livres de edificações urbanas, independentemente de sua dimensão, qualificação estética e funcional e de sua localização, sejam eles públicos ou privados” (MACEDO ET AL., 2018, p.14).

As **praças** podem ser consideradas, do ponto de vista dos urbanistas, um dos elementos mais importantes no que diz respeito às práticas sociais de um centro urbano (SILVA; LOPES; LOPES, 2011; PIPPI, LAUTERT, 2019). Esses espaços têm singular importância para as cidades, pois, são conhecidos como locais democráticos que podem proporcionar diversas opções de lazer, prática de esportes, atividades físicas e espaços para debates e discussões. Quanto a este ponto de vista, Macedo et al. (2018), por exemplo, justificam a importância desse elemento a partir da possibilidade de seu uso:

As praças são uma categoria importantíssima entre os bens de uso comum do povo existentes nas áreas urbanas. São locais de diversas práticas sociais, do convívio público cotidiano às grandes manifestações políticas, passando por atividades de lazer, comércio, festas religiosas, conflitos, encontros e memórias (MACEDO ET AL., 2018, p.54).

A importância das praças tem acompanhado o desenvolvimento urbano das cidades desde a antiga Grécia, em que a praça era o principal espaço público da cidade e tinha uma função vital para o desenvolvimento da sociedade, pois, eram nesses espaços que os homens se reuniam a fim de discutir os assuntos que pautavam a política, os problemas das cidades e decisões relacionadas às batalhas. As ágoras eram onde a assembleia dos cidadãos se reunia a fim de ouvir as decisões do chefe maior ou deliberar sobre determinado assunto; geralmente eram nas praças onde o mercado se instalava e eram, por excelência, “um local ao ar livre expressamente apresentado para tal” (BENÉVOLO, 2012 p. 76).

Na Europa medieval, as praças foram importantes para o desenvolvimento do comércio, visto que os feudos da época tinham como principais atividades econômicas a agricultura, as produções artesanais e o comércio. Este comércio acontecia na praça central, que era um amplo espaço sem qualquer vegetação. A praça também representava o poder do senhor feudal e da igreja, pois este elemento sempre estava disposto em frente ao palácio e à igreja (BENÉVOLO, 2012).

A partir do período Renascentista, na Europa, as praças passaram a ganhar tratamento paisagístico por meio do desenho urbano e da implantação da vegetação, pois, passaram a fazer parte de um novo contexto, em que a arquitetura de seu entorno voltou a ter relevância, o que não acontecia no período medieval. Naquele momento, as praças passaram a ter caráter de local próprio para a contemplação. Entretanto, as praças eram projetadas para a alta sociedade, não se configurando como espaço democrático à toda sociedade, além de, em muitos casos, serem locais restritos, como os jardins dos palácios da alta nobreza, tendo o seu uso exclusivo para este público (BENÉVOLO, 2012).

Para Lamas (2017), o papel e o desenvolvimento da praça estruturam-se como um elemento morfológico das cidades ocidentais, inicialmente concebida como um produto intencional, de delineamento espacial e lugar das manifestações de vida urbana. Seu espaço e delimitação eram resultados da relação intrínseca entre o vazio com as edificações e fachadas, sendo o lugar do coletivo e do papel importante na esfera urbana. Já no urbanismo moderno, a praça perde a relação de um espaço bem demarcado, resultado de uma ocupação dispersa e cotejada dos edifícios, das tímidas relações das suas fachadas como interlocutores entre o público e o privado, sobretudo ao longo da interface com o espaço público praça. No cenário atual, o autor reforça que o recurso ao desenho de praças não é acompanhado pela qualificação e significação funcional.

Ao longo da história ocidental, as praças sempre estiveram ligadas com o poder público, a igreja e o mercado das cidades. Essas são características que perduram até os dias atuais. Teixeira (1999) afirma que muitas das cidades coloniais portuguesas do século XVI e XVII evoluíram a partir de implantações de fortes ou feitorias construídos em locais estratégicos de defesa. Os edifícios públicos tinham um papel estruturante na organização das cidades, juntamente com as praças onde geralmente se encontravam tais edifícios.

Camillo Sitte (1992) tece uma crítica à conformação das praças modernas. Por sua perspectiva, a conformação da praça é um conjunto que se dá pela disposição de seus edifícios principais e das angulações das ruas, cujos elementos não existem isoladamente, isto é, formam os conjuntos de praças. Da Silva (2012) relata a importância que as praças tiveram para a vida pública das cidades: sendo palco para festividades religiosas, recebendo o fluxo do comércio, feiras e afins, enfim, possibilitando que a vida social da cidade ocorresse a céu aberto. Entretanto, o modernismo impôs novos padrões, tanto à arquitetura, quanto aos espaços públicos. As praças passaram a receber desenhos urbanos que tinham como principal função enaltecer as edificações, de modo que acabaram perdendo o atrativo para a utilização dos usuários (SITTE, 1992).

Com o decorrer do tempo, as praças passaram a perder seu protagonismo enquanto espaços de recreação, convívio e encontro. Segundo De Angelis e De Angelis Neto (2000) as principais causas para a falta de utilização das praças atualmente, outrora tão presentes na vida cotidiana, se

deve ao surgimento de diferentes opções de lazer, pela possibilidade de implantação do comércio em outros locais que não necessitam ter ligação às praças e pela falta de manutenção desses espaços, que vêm sendo depredados por vândalos.

Ao longo do tempo, o uso da praça deixou de priorizar o encontro e se tornou um “não lugar” (AUGÉ, 1994), dando espaço a usos que não caracterizam o motivo de sua existência, por exemplo, como estacionamento de veículos automotores, caso que ocorre na praça José Bonifácio em Cachoeira do Sul (RS), local que, por excelência, deveria ser para as pessoas, e acabou cedendo espaço a automóveis.

O uso dos espaços urbanos tem um efeito sobre a experiência espacial dos usuários, tornando-a mais ou menos provida de interesses e emoções. O uso dado a um determinado espaço também tem o papel de possibilitar associações e estimular os sentidos e a experiência estética. No caso de espaços abertos, por exemplo, o uso é um dos pré-requisitos para que um espaço aberto seja satisfatório: sem usuários, o espaço aberto público ou de uma edificação perdem significado e importância. Pessoas tendem a ser atraídas por espaços com pessoas e a evitar espaços desertos (GEHL, 2011).

De acordo com Macedo (2015), o processo de ocupação dos espaços livres públicos está ligado à capacidade de resposta, seja pelo desenho ou projeto do espaço, de responder a valores sociais. Isto implica em conferir características culturais que reflitam o local, as diferentes formas de vida e de comportamento social. Atribuições que devem ser percebidas e que possibilitem a percepção por diferentes óticas da sociedade, no espaço e no tempo.

A percepção pode ser definida como o conhecimento adquirido por meio do contato, direto e imediato com os objetos e com seus movimentos, dentro do campo sensorial (PIAGET, 1967), ou seja, relaciona-se com a interação entre o espaço e o usuário, exclusivamente, através dos sentidos básicos: visão, olfato, audição, tato e paladar (WEBER, 1995). A percepção é uma síntese das sensações, uma vez que a sensação está intrínseca à percepção, já que é a primeira que fornece a qualidade dos objetos e os efeitos internos destas qualidades para o homem (CHAUÍ, 2000). A percepção ambiental consiste no conjunto de atitudes, motivações e valores que influem nos distintos grupos sociais no momento de definir o meio ambiente percebido, o qual não somente afeta o seu conhecimento como também seu comportamento dentro deste (RAPOPORT, 1978).

Diversos autores propõem (desde a década de 1960) que o ambiente construído fosse estudado a partir da percepção de seus usuários. Para Tuan (1980) o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligados e são constituídos a partir de elementos visíveis do ambiente social e físico de um povo: as pessoas constroem a representação da realidade de acordo com os estímulos que permeiam seus sentidos. A percepção ambiental pode contribuir para a gestão de áreas

verdes por meio da análise e avaliação do valor atribuído a esses espaços por seus usuários, e como estes percebem as condições ambientais e de vida no momento vivenciado (COSTA; COLESANTI, 2011). Dorigo e Ferreira (2015) destacam que estudos sobre percepção ambiental de áreas verdes urbanas, sejam elas praças ou parques, destacam a importância de tais espaços para convivência e interação social, além de estreitar a relação do ser humano com a natureza.

### Contextualização

O município de Cachoeira do Sul, localizado na região central do Rio Grande do Sul (Figura 1), é uma cidade de médio porte, contando, atualmente, com população estimada de 81.869 habitantes (IBGE, 2021). Em 2010, cerca de 85% da população total de Cachoeira do Sul residia na área urbana do município.

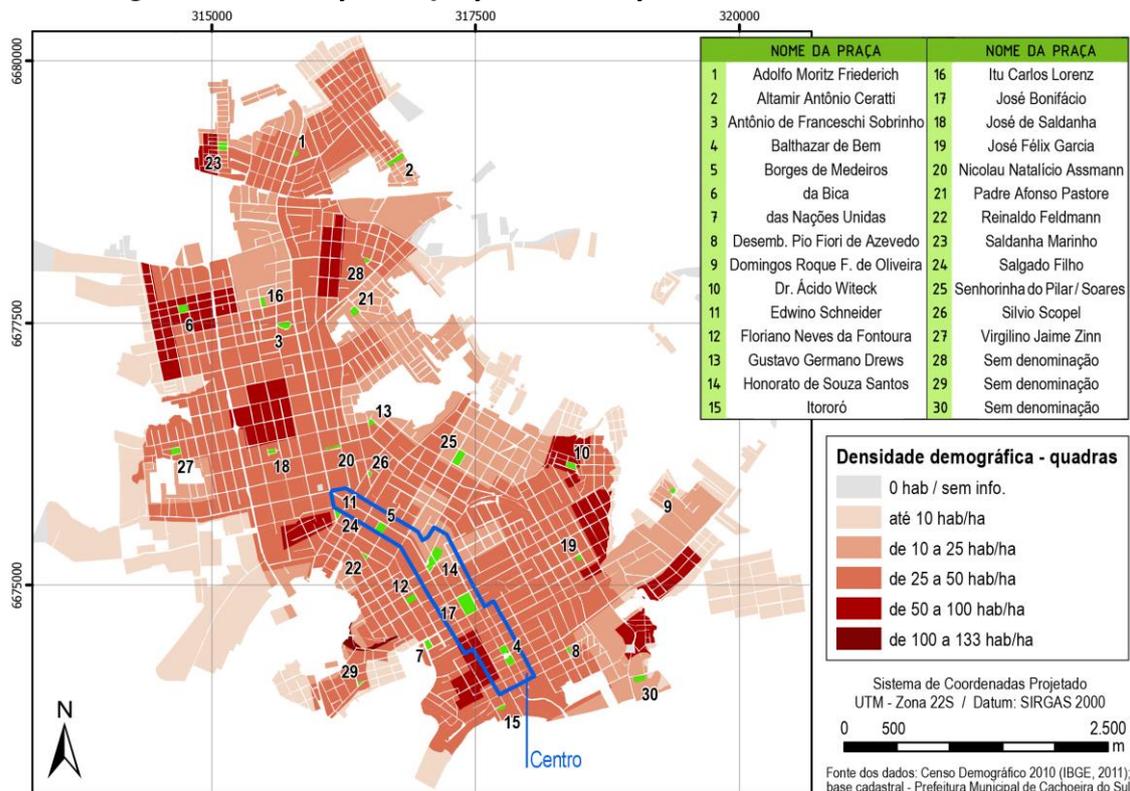
**Figura 1 - Localização e delimitação da área urbana do município de Cachoeira do Sul.**



Fonte: produzida pelas autoras (2021).

A cidade de Cachoeira do Sul conta com trinta espaços públicos caracterizados como praças. Destes espaços, a maioria se localiza nas centralidades dos bairros. Na Figura 2, observa-se a presença de quatro praças localizadas no núcleo central da cidade (em azul) e 26 nos demais bairros da área urbana.

**Figura 28 - Localização das praças e delimitação do centro da cidade (em azul).**



Fonte: produzida pelas autoras (2021).

A importância destes espaços para a cidade vem sendo observada desde os primeiros registros de urbanização do município. Segundo Ritzel (2018), o traçado gerado na primeira planta da cidade, elaborada pelo engenheiro João Martinho Buff, utilizando os títulos de terrenos de posse dos proprietários (CARLOS; SCHUH, 1991), teve como pontos de referência a então “praça da Igreja”, local onde hoje situa-se a praça Balthazar de Bem, a praça do Pelourinho, atual praça José Bonifácio e o terreno da praça São João, atual pátio de estacionamento rotativo do Hospital de Caridade e Beneficência.

A partir destas informações, entende-se que esses locais foram as primeiras praças públicas a serem implantadas no município. Portanto, pode-se afirmar que as praças com maior relevância histórica para o município são: a praça Balthazar de Bem (Figura 2, cód. 4), que se caracterizava como o espaço público em apoio à igreja Nossa Senhora da Conceição e à sede da Prefeitura Municipal, e a praça José Bonifácio (cód. 17), que tem como uma de suas principais características os vários usos que já fizeram parte do espaço. Um terceiro espaço de especial relevância histórica é a praça Honorato de Souza Santos (cód. 14) que, anteriormente à praça, constituía-se como Largo do Colombo, que abrigava a estação ferroviária de Cachoeira do Sul (SELBACH, 2007). A Figura 3 apresenta fotos destas três praças.

**Figura 39 - Cenas ilustrativas das praças (a) Balthazar de Bem, (b) José Bonifácio e (c) Honorato de Souza Santos.**



Fontes: (a) disponível em: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/0f/bb/a4/77/foto-aerea-do-paco-e.jpg> . Acesso em 02 nov 2019; (b) imagem aérea de Renato Thomsen (RITZEL, 2020) (c) acervo pessoal das autoras.

## Metodologia

Com o objetivo de compreender a percepção da comunidade com relação às praças da cidade, utiliza-se um questionário auto-aplicado com vinte questões abertas e fechadas, que visam fornecer dados que permitam a análise da opinião da comunidade quanto à qualidade das praças, bem como a identificação das potencialidades e deficiências desses espaços. Segundo Gil (2008, p.121), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Como vantagens deste método para a presente pesquisa, pode-se citar a possibilidade em atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica extensa, a garantia do anonimato das respostas, a flexibilidade de resposta no momento e local em que cada pessoa julgar mais conveniente (uma vez que o questionário poderia ser respondido de modo autônomo pelo participante, em seu computador ou *smartphone*), além da organização fácil dos resultados (garantida pela plataforma em que o questionário foi elaborado).

O questionário foi aplicado entre os dias 17 de setembro e 01 de novembro de 2019 e foi respondido por uma amostragem válida de 262 participantes (i.e., excluindo-se os dados espúrios), o que corresponde a 0,32% da população de Cachoeira do Sul em 2021. A aplicação foi realizada a partir da plataforma de formulários do Google (i.e., Google Forms) e sua divulgação primou por atingir o maior número de pessoas e a maior diversidade de perfis possível. Para isso, a divulgação ocorreu por meio interação interpessoal (i.e., comunicação pessoal com diferentes agentes, como familiares, amigos e colegas, e professores de escolas do município), e por meio de comunicação virtual, através de envio de e-mail, de publicação em redes sociais populares (i.e., Facebook e Instagram), do compartilhamento em grupos populares do município, além de grupos de aplicativos de mensagens (i.e., WhatsApp), contando com a contribuição de diferentes pessoas para sua divulgação, almejando atingir, assim, diferentes nichos da população.

O questionário é composto de 20 questões. As cinco primeiras buscam identificar o perfil do respondente, incluindo seu local de moradia; as quatro questões seguintes investigam se o

entrevistado frequenta as praças da cidade, quais praças, com qual frequência e por qual motivação; as cinco questões subsequentes referem-se à opinião do respondente sobre as praças de Cachoeira do Sul, arguindo sobre suas qualidades e deficiências; as seis questões finais correspondem àquelas referentes às praças presentes no bairro do entrevistado, e também arguem sobre suas qualidades e deficiências.

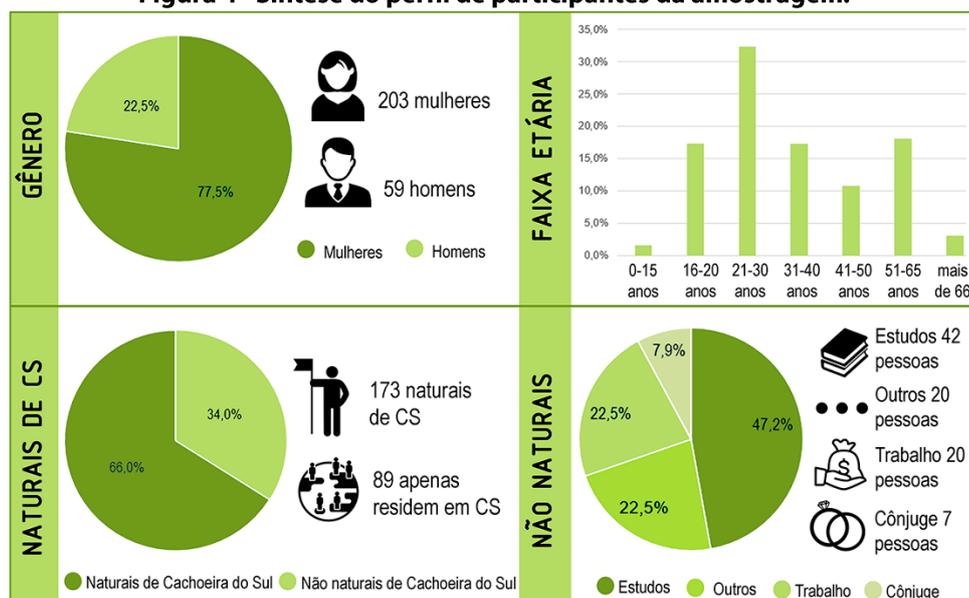
As respostas obtidas foram tabuladas em planilha eletrônica para análise. Alguns dados foram georreferenciados permitindo sua análise espacial (e.g., bairro de residência do respondente). A sistematização de um banco de dados geográficos, ou seja, com a componente espacial, permite a construção de mapas, utilizando ferramentas de geoprocessamento em um SIG (Sistema de Informações Geográficas), que auxiliam no entendimento de algumas questões propostas.

### **Resultados e Discussão**

Em primeira análise, com relação à localização das praças distribuídas pela área urbana do município de Cachoeira do Sul, percebe-se que nas áreas centrais da cidade, onde há menor concentração de habitantes, existem mais praças, ou seja, trata-se de uma região bem atendida quanto à presença de espaços livres públicos de lazer; por sua vez, nas bordas do perímetro urbano, onde há mais habitantes, observam-se carências quanto à existência de praças (vide Figura 2).

Os dados obtidos com aplicação de questionário na população de Cachoeira do Sul são analisados com o objetivo de captar suas impressões sobre as praças da cidade. O questionário obteve resposta de 262 participantes, sendo 66% naturais de Cachoeira do Sul; 77,5% do público constituídos por mulheres. Houve maior participação de jovens adultos na faixa etária entre 21 e 30 anos (32%), seguidos pelas faixas etárias de 51 a 65 anos (18%), de 16 a 20 anos e de 31 a 40 anos (ambas com 17%). A população entre 15 e 72 anos (intervalo correspondente à idade dos respondentes) representa 74% da população de Cachoeira do Sul; a amostragem de 262 participantes corresponde a 0,42% deste grupo etário. A Figura 4 ilustra sinteticamente o perfil do público participante da pesquisa.

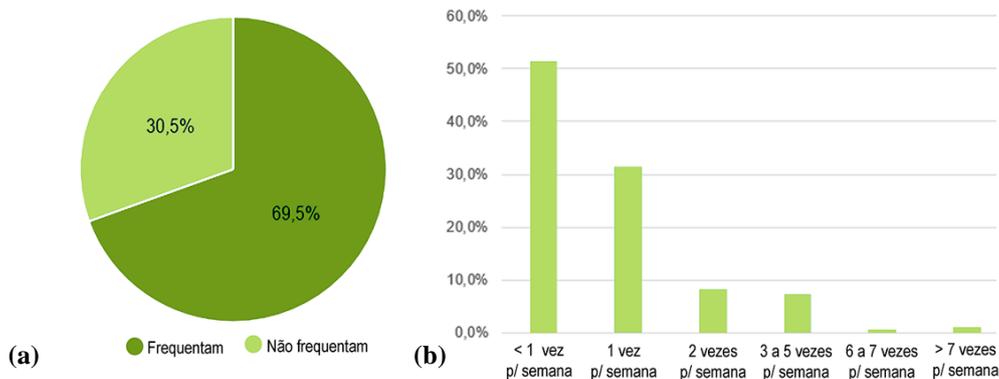
**Figura 4 - Síntese do perfil de participantes da amostragem.**



Quanto à utilização das praças, a pesquisa aponta que 30,5% da amostragem não têm o hábito de frequentar praças. As principais justificativas para não utilizarem estes espaços é a falta de tempo disponível ao lazer (20%), a falta de atrativos à utilização das praças (15%) e a falta de manutenção (14%) e de segurança dos espaços públicos (13%). Entre as 69,5% das pessoas que alegaram frequentar as praças da cidade, as principais atividades que os atraem para as praças são o lazer e o hábito de levar as crianças para brincar.

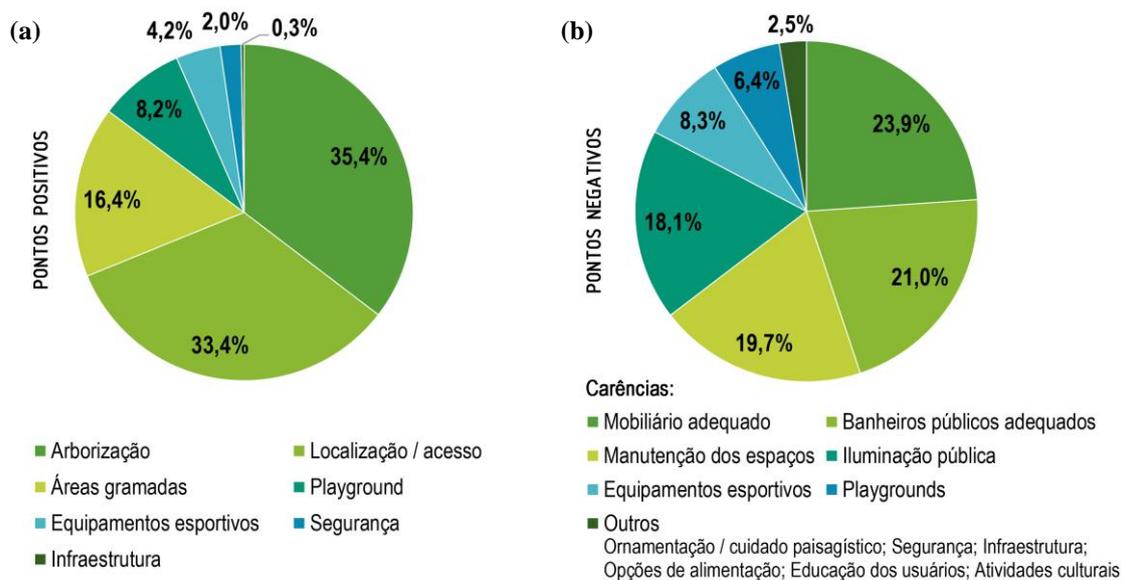
Ainda dentro desta perspectiva, foi questionado quanto à frequência com que os usuários costumam ir às praças. 51% das pessoas responderam que frequentam as praças menos de uma vez por semana, seguido das pessoas que responderam frequentar apenas uma vez por semana (31%). Os frequentadores de 6 e 7 vezes por semana ou mais de 7 vezes por semana giram em torno de 0,6% e 1,1%, respectivamente (Figura 5).

**Figura 5 - (a) Gráfico representando as pessoas que frequentam e não frequentam as praças da cidade e (b) gráfico representando a quantidade de vezes que utilizam estes espaços.**



Sobre os pontos positivos e negativos que as praças do município apresentam, as praças têm como principais pontos positivos a presença de arborização, a localização e o fácil acesso, as áreas gramadas e a presença de *playground* para as crianças. Já como pontos negativos, os principais tópicos apontados foram a falta de mobiliário adequado, a falta de sanitários públicos e a falta de manutenção dos espaços. A Figura 6 apresenta os resultados para essas questões segundo a população participante da pesquisa.

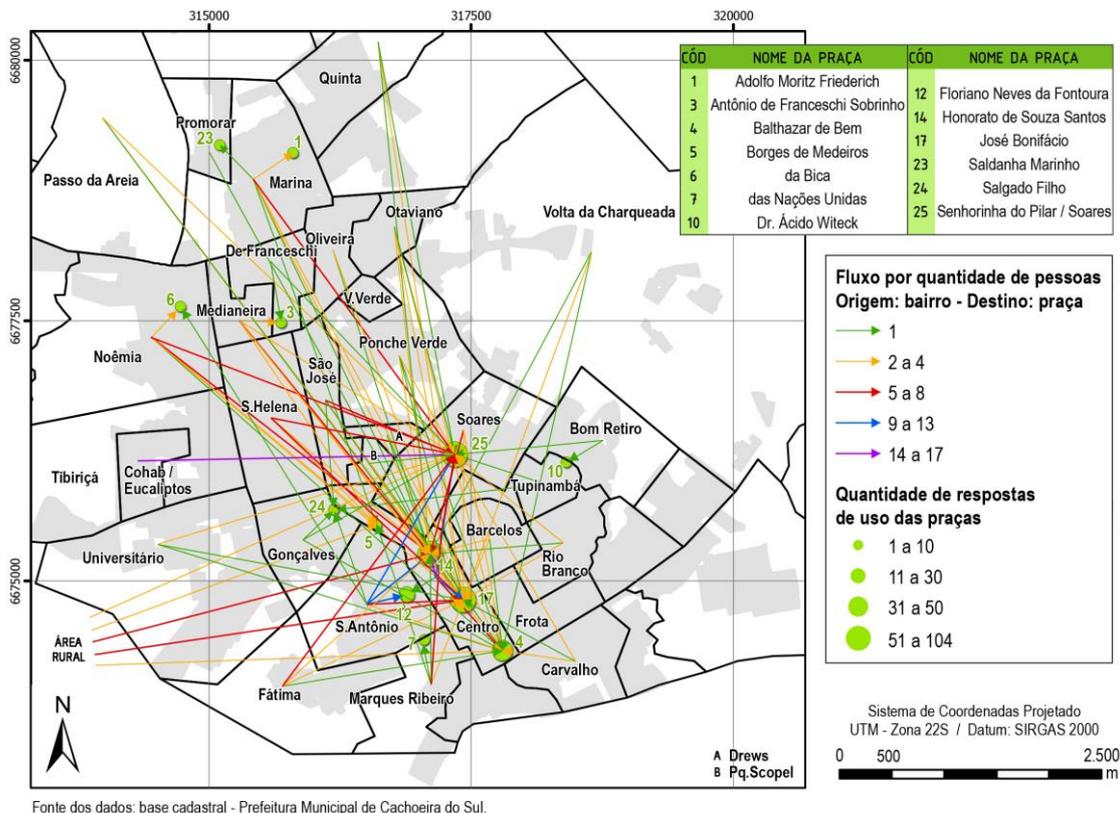
**Figura 610 - Gráficos para comparação dos aspectos positivos (a) e negativos (b) das praças cachoeirenses.**



Fonte: produzida pelas autoras (2021).

Quanto ao uso das praças do município, a pesquisa indica que as praças mais frequentadas pela amostra são: a praça Senhorinha do Pilar / Soares (Fig.7, cód.23), que é conhecida por atrair visitantes de todas as partes da cidade, apesar de ser uma praça de bairro (32%), seguida das praças Honorato de Souza Santos (24%) (cód.14), e José Bonifácio (22%) (cód.17), ambas localizadas no centro da cidade. A parte central do município conta com quatro praças, entretanto apenas duas delas apresentam uso significativo.

**Figura 711 - Mapa dos fluxos de utilização das praças, conforme respostas do questionário; as setas têm como origem os centroides dos bairros dos respondentes e como destino, as praças utilizadas.**



A Figura 7 indica as principais praças utilizadas conforme respostas da amostragem. A representação pelas setas indica o bairro de onde partem os respondentes e a que praça se destinam. As cores das setas indicam a quantidade de respondentes. De acordo com as respostas obtidas no questionário, que possibilitaram a construção do mapa da Figura 7, no bairro Cohab / Eucaliptos, por exemplo, todos os 17 respondentes declararam frequentar a praça da Soares (cód.25); dentre os respondentes que residem no Centro da cidade, 15 frequentam a praça Honorato de Souza Santos (cód.14); nestes dois casos, a seta é grafada na cor roxa. Os círculos verdes graduam a quantidade de respostas que as praças receberam. Por exemplo, a praça da Soares (cód.25), grafada com a maior classe, recebeu 104 respostas. No outro extremo, receberam apenas uma resposta as praças das Nações Unidas (cód.7), Dr. Ácido Witeck (cód.10) e Saldanha Marinho (cód.23). As praças que não foram apontadas como destino de respondentes do questionário não se encontram exibidas no mapa.

A análise da Figura 7 permite elucubrar sobre o deslocamento necessário para os usuários chegarem às praças de sua preferência. Se considerarmos a distância euclidiana do centroide do bairro até o centroide da praça, as praças que atraem usuários de maior distância são, novamente, as praças centrais e apenas uma praça de bairro: a Balthazar de Bem é a praça cujos deslocamentos médios são da ordem de 2,50 km, seguida da praça Borges de Medeiros (2,44 km), da praça do bairro

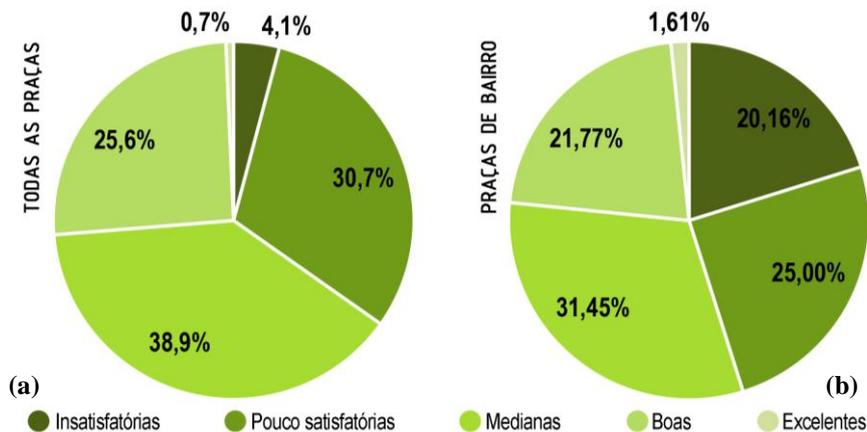
Soares - praça Senhorinha do Pilar (2,20 km), da praça José Bonifácio (2,19 km) e, por fim, da praça Honorato de Souza (1,87 km). As demais oito praças que foram apontadas no questionário como destino dos participantes da pesquisa não possuem valor de deslocamento médio maior que 1 km.

Outra questão de relevância para entender a dinâmica das praças da cidade é relacionada às praças de bairro, isto é, fora da região central do município: questionou-se se nos bairros onde as pessoas residem há espaços públicos configurados como praças. 68% dos respondentes afirmam existir praças em seus bairros, entretanto, sobre as praças mais utilizadas, há poucas respostas que contemplam essas praças, com exceção da Praça da Soares, que, apesar de ser uma praça de bairro, recebe usuários de vários locais.

Diante disso, surge um importante questionamento: se há praças nos bairros, por que razão as pessoas tendem a procurar pelas praças da região central? O grau de insatisfação indicado nas praças, em geral, é de 4%, e nas praças de bairro, 20%. Sobre os percentuais de excelência, isto é, referente à satisfação com as praças, é importante salientar que as análises sobre os dados gerados pela pesquisa apontam que 1,6% da amostragem considera as praças de seu bairro excelentes, entretanto, esta opção foi preenchida por apenas duas pessoas, que residem no bairro Soares, que, por sua vez, é a praça mais frequentada da amostragem como um todo, o que indica que dos demais bairros não há respostas quanto à excelência das praças. Quanto à satisfação, 38,9% consideram as praças cachoeirenses medianas e 25,6%, boas; sobre as praças de bairros, 31,45% são consideradas medianas e 21,77%, boas (Figura 8).

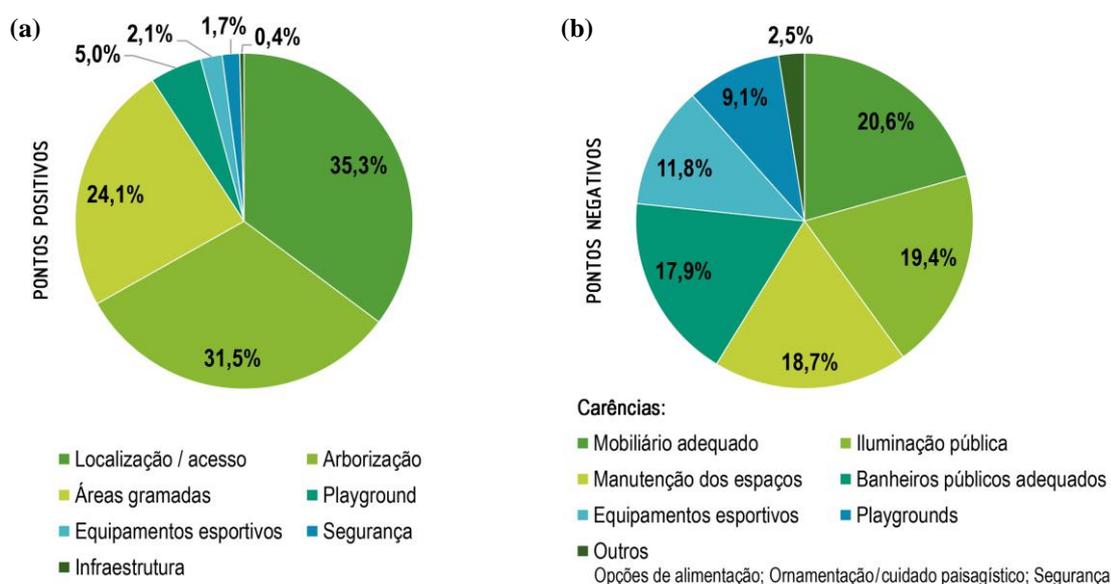
Sobre a maior procura pelas praças do centro, faz-se necessária uma ressalva relativa à dinâmica da cidade de Cachoeira do Sul: no centro está a maior concentração de comércios e serviços, que são, naturalmente, polos atratores de pessoas – desta forma, podem, conseqüentemente, levar a um maior movimento nas praças centrais.

**Figura 812 - Gráficos para comparação do grau de satisfação das praças: (a) no geral, e (b) praças dos bairros.**



Para entender as principais razões da baixa procura pelas praças de bairro e os baixos índices de satisfação quanto a tais espaços, foi questionado sobre os pontos positivos e negativos sobre as praças de bairro, assim como havia sido perguntado quanto às praças no geral da cidade. Nestes aspectos, os principais problemas citados pelos respondentes foram: a falta de mobiliário adequado, a falta de iluminação pública, a falta de sanitários adequados, a falta de manutenção dos espaços e a falta de equipamentos esportivos. Por outro lado, foram apontados como potenciais das praças a presença de arborização, a localização e acesso das praças e a presença de áreas gramadas. A Figura 9 apresenta os resultados para as questões de pontos positivos e negativos sobre as praças dos bairros.

**Figura 913 - Gráficos para comparação dos aspectos positivos (a) e negativos (b) das praças de bairros, em Cachoeira do Sul.**



Fonte: Produzida pelas autoras (2021).

Tais achados vão ao encontro de outras pesquisas desenvolvidas buscando captar e analisar a percepção sobre praças e parques em contextos diversos. Por exemplo, os resultados obtidos por Martins, Nascimento e Gallardo (2020) demonstram a importância da qualidade de praças e parques em Osasco (SP) e da expectativa atribuída à sua infraestrutura, ao mesmo tempo em que revelam a necessidade premente da realização de manutenção e melhorias na infraestrutura e qualidade dos equipamentos oferecido por essas áreas verdes aos munícipes de Osasco.

Em se tratando de uma cidade de porte médio-pequeno, Cachoeira do Sul tem como ocupação característica nos bairros fora da área central o uso do solo residencial unifamiliar em edificações térreas ou assobradadas, em sua maioria, com pátio intralote, ajardinado ou não. O fato de poder disfrutar de um espaço livre privado, muitas vezes, contorna o problema da inexistência de praças nas imediações do local de residência, ou da existência de praças em estado precário de

conservação. Desta forma, atividades de lazer acabam por ser realizadas no local de residência, substituindo o uso de praças sem adequados mobiliários, equipamentos esportivos e infantis, iluminação, paisagismo ou segurança.

Quando a população tem disponível praças de boa qualidade, em bom estado de conservação, ainda que não esteja localizada em polos da cidade, configurando-se como praça de bairro, percebe-se que ela faz uso do espaço. Nesta pesquisa, isso ficou claro com o caso da praça Senhorinha do Pilar, localizada no bairro Soares.

### Praça Senhorinha do Pilar

A praça Senhorinha do Pilar ou “praça da Soares” foi identificada como a praça mais frequentada do município. É interessante analisar que, embora a praça seja considerada a mais frequentada, ela se encontra em uma centralidade de bairro, contrariando a lógica de que as praças da região central seriam as mais procuradas. Algumas justificativas para tal procura vêm de encontro à opção de livre apropriação pelos usuários que o local oferece, com espaços gramados e dotados de arborização que produz sombra e boa sensação térmica, à regularidade na manutenção da praça, proporcionada a partir da união da comunidade que contribui mensalmente com um determinado valor destinado à sua manutenção, ao incentivo à prática de esportes, por meio de uma pista de caminhada no entorno da praça (não calçada e com marcações de metragem percorrida), dos equipamentos básicos para alongamento e para exercícios de físicos e por meio da presença de uma quadra de vôlei de areia (Figura 10). Além desses equipamentos, o público infantil também é contemplado: uma questão importante para a grande procura pela praça é a presença de brinquedos diferenciados no *playground* (Fig.10c), bem como a existência de brinquedos próprios para crianças portadoras de necessidades especiais (Fig.10d), auxiliando na promoção da inclusão no espaço de lazer.

**Figura 10 - (a) Imagem aérea da praça da Soares, que identifica os caminhos já consolidados na praça: no perímetro externo, a pista de caminhada não pavimentada, e internamente, o caminho diagonal decorrente do habitual trânsito dos usuários. Cenas da praça da Soares: (b) mobiliário próprio para a prática de alongamento e de exercícios físicos; (c) barco viking, um dos brinquedos presentes no parquinho; e (d) brinquedos próprios para crianças com necessidades especiais.**



Além de a comunidade participar financeiramente com a manutenção da praça, um aspecto evidente no local são os incentivos privados que recebe, devido à visibilidade do espaço perante a sociedade: mobiliários como bancos, lixeiras, placas e afins, recebem as logomarcas de empresas cachoeirenses que apoiam o espaço – a título de exemplo, o provedor de internet CST apoia a praça disponibilizando sinal de internet *wi-fi* gratuita aos usuários do espaço, e recebe em troca, a impressão de sua logomarca em algumas lixeiras e bancos da praça.

Como deficiências, averiguou-se que o espaço se encontra carente de caminhos definidos que possam zonedar a praça adequadamente, havendo, além da pista de caminhada já consolidada no perímetro da praça, apenas um caminho formado pelo desgaste decorrente do trânsito de pessoas, que atravessa a praça diagonalmente, e a falta de ligação com o transporte público, haja vista a ausência de paradas de ônibus em seu entorno imediato.

### Considerações Finais

A pesquisa revelou dados de grande importância para o entendimento do contexto em que se inserem as praças de Cachoeira do Sul e sua percepção pelos usuários. O entendimento do espaço

de uma praça perpassa a ideia de “lugar” como construção concreta e simbólica do espaço, o princípio de sentido para quem o habita e de inteligibilidade para quem o observa (cf. AUGÉ, 1994). Nessa perspectiva, é importante buscar a construção do “lugar” em meio a sensibilidades e fragmentos identitários do sujeito e da dimensão que ali se lugariza, ou seja, criação de um vínculo constituído com uma determinada sensação de pertencimento (AUGÉ, 1994).

A existência de uma rede de espaços livres de uso público para lazer tem sua importância em termos de sustentabilidade ambiental no ambiente urbano, além de agregar valor à cidade e à qualidade de vida de seus usuários. Autores como Douglas Farr (2013) defendem a importância que os espaços públicos e a presença da natureza dentro das cidades trazem ao homem, contribuindo inclusive para mitigar problemas de saúde de ordens física e mental, que atualmente atingem um relevante (e crescente) percentual da população, tais como a obesidade e a depressão.

Partindo deste ponto, uma das maneiras de se manter esta conexão entre o homem e a natureza, com promoção da sustentabilidade ambiental, é propondo espaços que sejam agradáveis às pessoas, sejam de permanência, como uma praça, ou espaços de ligação, como ruas verdes, que acabam por também fomentar o uso do transporte alternativo e do “andar a pé”.

O objeto de estudo engloba as praças do município de Cachoeira do Sul. Tais espaços são de vital importância histórica ao município, tanto por questões de desenvolvimento da sociedade, quanto para o crescimento urbano do município. No entanto, assim como Da Silva (2012) identifica a decadência dos espaços públicos das cidades, deixando de ser locais de encontro e troca, é visível que as praças de Cachoeira do Sul passaram a se tornar “não lugares” da cidade, sofrendo com as ações de vândalos, a falta de manutenção e carência de infraestrutura, o que, por sua vez, acaba distanciando os usuários desses espaços.

A pesquisa realizada por meio de questionário com a população cachoeirense apontou a preferência de uso de duas praças centrais, a Honorato de Souza Santos e a José Bonifácio, mas, sobretudo, de uma praça de bairro, a praça da Soares (Senhorinha do Pilar) como locais mais procurados pela amostragem. Tais praças contam com recursos que lhes atribuem uso (i.e., equipamentos de exercício físico, brinquedos infantis, comércio ambulante, mobiliário em bom estado de conservação etc.), aspectos valorizados pela população respondente do questionário.

Como principais contribuições, pode-se destacar os aspectos positivos e negativos identificados na pesquisa: dentre os aspectos valorizados nas praças, destacam-se os naturais: a existência de arborização e áreas gramadas; por outro lado, a falta de manutenção figura-se como principal aspecto negativo apontado pela população, acompanhado da carência de sanitários e mobiliário adequado. Tais dados podem fomentar decisões do poder público a respeito da gestão das praças na cidade e implantação de novas unidades.

Apesar de a metodologia ter primado pela maior abrangência possível da amostragem, a quantidade obtida de respondentes constitui uma limitação do método e impede maiores generalizações do estudo, de modo que os resultados permitem *um* olhar sobre a percepção dos respondentes sobre as praças, e não refletem a percepção de todo o contingente populacional de Cachoeira do Sul.

Este estudo ressalta a importância de repensar os espaços das praças e maneiras de reintegrá-los à cidade, devolvendo-os a comunidade. Assim como enfatizam Martins, Nascimento e Gallardo (2020), entende-se que a captura da percepção das praças pelos usuários pode representar uma oportunidade para a gestão pública local compreender os anseios da população e permitir que os potenciais serviços ecossistêmicos possam ser ampliados e desfrutados por um número maior de habitantes do bairro. Conclui-se que a relevância deste trabalho está em abrir uma discussão quanto às problemáticas atuais das praças e as potencialidades que oferecem, como meio de criação de futuras diretrizes que objetivam associar, inclusive, projetos urbanos voltado à infraestrutura urbana sustentável que tenham como principal premissa tornar os espaços públicos ativos novamente.

## Referências

- AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1994.
- BENÉVOLO, L. História da cidade. 5 ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2012.
- CARLOS, I. M. S.; SCHUH, A. S. Cachoeira do Sul em busca de sua história. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1991.
- CHAUÍ, M. Convite à filosofia. 7. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000. 440 p.
- COSTA, R. G. S.; COLESANTI, M. M. A contribuição da percepção ambiental nos estudos das áreas verdes - Curitiba. RA'E GA, v. 22, p. 238-251, 2011. DOI: 10.5380/raega.v22i0.21774
- DA SILVA, J. C. As construções da cidade segundo seus princípios artísticos a partir da praça em Camillo Sitte. Revista de Estética e Semiótica. Brasília (DF), v. 2, n. 2, 2012. p. 13-26.
- DE ANGELIS, B. L. D; DE ANGELIS NETO, G. Os elementos de desenho das praças de Maringá-PR. Acta Scientiarum, v. 22, n. 5, p.1445-1454, 2000.
- DORIGO, T. A.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N. Contribuições da percepção ambiental de frequentadores sobre praças e parques no Brasil (2009-2013): revisão bibliográfica. Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS, v. 4, n. 3, p.31-45, 2015.
- FAJERSZTAJN, L.; VERAS, M.; SALDIVA, P. H. N. Como as cidades podem favorecer ou dificultar a promoção da saúde de seus moradores? Metrópole E Saúde - Estudos Avançados, v.30, n.86, p.7-27, 2016. DOI: 10.1590/S0103-40142016.00100002.
- FARR, D. Urbanismo sustentável: Desenho urbano com a natureza. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013. Tradução de Alexandre Salvaterra.
- GEHL, J. Life between buildings: using public space. 6. ed. Washington, EUA: Island Press, 2011. 216 p. ISBN: 9781597268271.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo, SP: Ed. Atlas, 2008.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cachoeira do Sul. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/cachoeira-do-sul.html>. Acesso em 21 ago 2021.

- LAMAS, J. M. R. G. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. 9. ed. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.
- LIMA, A. M. L. P.; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J. C.; SOUSA, M. A. de L. B.; FIALHO, N. de O.; DEL PICCHIA, P. C. D. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: *Anais do II Congresso Brasileiro de Arborização Urbana*, 1994. São Luiz. São Luiz, MA: Imprensa EMATER/MA, 1994. p. 539-553.
- LIMA, V.; AMORIM, M. C. C. T. A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades. *Revista Formação*, v. 1, n. 13, 2006. p. 69-82. DOI: 10.33081/formacao.v1i13.835.
- LONDE, P. R.; MENDES, P. C. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, v. 10, n. 18, 2014. p. 264 - 272.
- MACEDO, S. S.; QUEIROGA, E. F.; CAMPOS, A. C. DE A.; GALENDER, F.; CUSTÓDIO, V. *Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- MACEDO, S. S. *Quadro do Paisagismo no Brasil: 1783-2000*. 2. ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- MARTEN, G. G. *Human Ecology: Basic Concepts for Sustainable Development*. Londres, Inglaterra: Routledge, 2001. 256 p. e-book DOI: 10.4324/9781849776028.
- MARTINS, G. N.; NASCIMENTO, A. P. B. DO; GALLARDO, A. L. C. F. Qualidade de praças e parques urbanos pela percepção da população: potencial de oferta de serviços ecossistêmicos. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 5, n. 3, 2020.
- PANERAI, P. *Análise urbana*. 2. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- PIAGET, J. *A psicologia da inteligência: A inteligência e a percepção*. Lisboa, Portugal: Fundo de Cultura Brasil, 1967. 239 p.
- PINA, J. H. A.; SANTOS, D. G. A influência das áreas verdes urbanas na qualidade de vida: o caso dos Parques do Sabiá e Victório Siquierolli em Uberlândia-MG. *Ateliê Geográfico*, v. 6, n. 1, p. 143-169, 2012.
- PIPPI, L. G. A.; LAUTERT, A. R. Praças como espaços públicos relevantes: aspectos pertinentes ao projeto. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 4, n. 1, 2019.
- RAPOPORT, A. *Aspectos humanos de la forma urbana*. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, Colección Arquitectura/Perspectivas, 1978.
- RITZEL, M. *Cachoeira do Sul: bela que só ela*. Cachoeira do Sul, RS: Associação Cachoeirense de Amigos da Cultura / Gráfica Jacuí, 2020. 200 p. ISBN: 9786500117899.
- SELBACH, J. F. Muito além da praça José Bonifácio: as elites e os “outsiders” em Cachoeira do Sul pela voz do *Jornal do Povo*, 1930-1945. 2007. 437 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Escola de Humanidades, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2007.
- SILVA, G. C.; LOPES, W. G. R.; LOPES, J. B. Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 197-212, 2011. DOI: 10.1590/S1678-86212011000300014.
- SILVA, G. J. A. DA; SILVA, S. E.; NOME, C. A. Densidade, dispersão e forma urbana. *Dimensões e limites da sustentabilidade habitacional*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 189.07, Vitruvius, 2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5957>.
- SITTE, C. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. Trad. Ricardo Roberto Martins Filho. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.
- SOUSA, I. C. N.; BRAGA, R. Habitação de Interesse Social e o Minha Casa Minha Vida – faixa 1: questão ambiental na produção habitacional. *urbe*. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 12, e20190312, 2020. DOI: 10.1590/2175-3369.012.e20190312.
- TEIXEIRA, M. C. Os traçados urbanos modernos dos finais do século XV e século XVI. In: TEIXEIRA, M. C.; VALLA, M. *O Urbanismo Português: séculos XIII – XVIII*. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 1999, p. 83-120.

TUAN, Y. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Ed. Diefel, 1980. 288 p.

WEBER, R. On the aesthetics of architecture: a psychological approach to the structure and the order of perceived architectural space. Aldershot, Inglaterra: Avebury, 1995.